

## O IMPACTO DA CULTURA HIPERMIDIÁTICA NA ESCRITA DOS SUJEITOS CONTEMPORÂNEOS

### THE IMPACT OF HYPERMEDIA CULTURE IN WRITING OF THE CONTEMPORARY SUBJECTS

Maria Aparecida Gomes Barbosa<sup>1</sup>

Mestre em Educação

Universidade do Rio de Janeiro (PROPED/UERJ)<sup>1</sup>

(cidaufpe@yahoo.com.br)

**RESUMO:** O presente artigo apresenta o impacto da cultura hipermediática na escrita dos sujeitos contemporâneos. O corpo teórico é constituído por Bruner (2001), Levy (1998), Senna (2001), (2003), (2005), Gardner (1994) e Vygotsky (2000). Através desses teóricos, promovemos um diálogo entre seus estudos e as escritas dos nossos alunos universitários. Os resultados demonstram que vivemos, de fato, em uma sociedade digital e todos os espaços desta sociedade são muito estimulantes, exceto o espaço acadêmico, onde o *modus operandi* continua sendo o mesmo da época fora instituído. Um modelo que engessa seus agentes e não aceita que o modo de ser, agir e escrever desses agentes sejam próprios da sua era histórica, ou seja, a era digital (não mais a analógica do *modus operandi* acadêmico, intocável). Os sujeitos da sociedade moderna são hipertextuais: usuários de tecnologias móveis e estáticas. Sim, os jovens usam o tempo todo o *smartphone*, os *tablets*, mas também leem livros como “*A culpa é das estrelas*”, “*Meu mundo fora de série*” e muitos outros. Em época de diversidade, os estudantes, quer eles estejam na universidade ou na escola básica, comportam-se de formas múltiplas na produção textual. Diante disso, não há como os professores das licenciaturas e, de modo específico do curso de letras, retrocederem ou ignorarem este cenário. O uso multimodal dos suportes móveis e estáticos é fundamental para o futuro professor adentrar no mundo dos seus alunos, bem como compreender e promover o letramento da era digital. Estamos diante de um embate. De um lado, professores com um *modus operandi* cartesiano e do outro os alunos, cujo *modus operandi* narrativo é justamente a não linearização da escrita. É um contrassenso, mas a escola brasileira em nenhum nível representa os sujeitos da era digital.

**Palavras-chave:** Cultura Hipermediática. Alunos universitários. *Modus operandi* Narrativo. *Modus operandi* Cartesiano.

**ABSTRACT:** This article presents the impact of hypermedia culture in the writing of contemporary subjects. The theory is constituted by the studies of Bruner (2001), Levy (1998), Senna (2001, 2003, and 2005), Gardner (1994), and Vygotsky (2000). Through these authors, we promote a dialogue between their studies and our university students' writings. The results demonstrate that we live, indeed, in a digital society, and all of its areas are very exciting, except the academic space, where the *modus operandi* remains the same as at the time it was established. It is a model that paralyzes its agents and does not accept their way of being, acting and writing is historical, that is, the digital age (not analog, as it is the academic *modus operandi*, untouchable). The subjects of modern society are hypertextual -

---

<sup>1</sup> Doutoranda do programa Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

users of mobile and static technologies. Young people use smartphones and tablets all the time, but they also read books like "The fault in our Stars," "My world out of this world", and many others. In times of diversity, students - whether they are in college or basic school - behave differently in the textual production. Therefore, professors from teacher education courses cannot ignore this scenario. The multimodal use of mobile and static media is critical for the future teacher to enter the world of their future students, as well as to understand and promote literacy in the digital age. We are facing a clash. On the one hand, teachers with a Cartesian *modus operandi*, and on the other hand, students whose narrative *modus operandi* follows the non-linearization of writing. It is counter-intuitive, but the Brazilian school, at any level, is the subject of the digital age.

**Key-words:** Hypermedia culture. Undergraduate students. Narrative *modus operandi*. Cartesian *modus operandi*.

## Introdução

Este estudo apresenta o impacto da cultura hipermidiática na produção escrita dos jovens universitários contemporâneos. Analisa-se o perfil do leitor hipertextual que já nasce e vive no universo do letramento digital. E é neste contexto hiperestimulado que esses jovens desenvolvem suas habilidades comunicativas, seja na fala, seja na escrita. As duas formas de linguagem sofrem interferência do modelo digital de ser, agir e pensar. Mas, como estamos falando de seres humanos, adotamos a categoria de pensamento narrativo de Bruner (1991), Senna (2003) e Barbosa (2015) para construirmos um perfil de sujeito digital, que adota em circunstâncias diversas o modo de pensamento cartesiano e o modo de pensamento narrativo, este último baseado em suas experiências e pontos de vistas constituídos de múltiplas visões, versões, interações – físicas e virtuais – com outros sujeitos também narrativos e cartesianos. Não há uma única maneira de se ser, assim como não há apenas um único modo de pensamento mobilizado por esses sujeitos.

A cultura hipermidiática a que os sujeitos contemporâneos estão expostos interfere diretamente no modo como eles escrevem, uma vez que adquirem experiência de múltiplas formas, dentre as quais está uma fonte inesgotável de informações, a internet, onde o processo comunicativo se dá ininterruptamente. Neste ambiente virtual, o sujeito se posiciona, expondo sobre qualquer questão, tem acesso a informações de toda natureza e em tempo real. Logo, ser e estar num mundo digital, promove um *status* na cultura desse sujeito contemporâneo, que para Senna (2001) e Barbosa (2015) é traduzido no pensamento narrativo, no qual o aluno que ingressa na escola traz consigo um modo de organização do pensamento

que reflete o conjunto de aproximações ao seu próprio contexto social. Entretanto, o modelo de pensamento narrativo construído no cotidiano tende a ser percebido pela escola como corruptela de pessoas não ou pouco civilizadas. Na verdade, não se reconhece que o comportamento dos jovens nas escolas e nas universidades seja fruto do contexto histórico em que eles vivem, como ocorria no passado quando se tinha o estojo escolar com borrachas, lápis, lapiseira e muitos objetos necessários para uma escrita linear, num suporte estático, a folha de caderno. Hoje, temos as telas dos *smartphones*. A instituição escolar insiste em transformar o comportamento linguístico dos alunos em um único modo de comportamento: o estruturado (segundo um método), o cartesiano ou, como o intitulou Bruner (1991), o modo científico de ser, pensar e agir.

Senna (2001) nos dá pistas de que o descompasso entre escola e aluno não reside na incompetência do professor em perceber que seu aluno é diferente de si mesmo e ainda muito diferente e distante do aluno ideal que ele enxergou quando estava no processo formativo. Também não tem culpa o aluno, que é um sujeito do seu tempo. Mas o descompasso é fruto da diferenciação de letramento pressuposto pelo professor e pelo aluno, ao passo que o professor vê no letramento um degrau para uma percepção científica do mundo e o aluno busca no letramento um degrau a mais em sua percepção narrativa.

Está claro que existem percepções distintas (do aluno e do professor) sobre o processo de letramento, dificultando o ensino da escrita, pois a prática educativa do professorado se distancia do modo narrativo de pensar, agir e ser do aluno, dificultando-lhe assim a compreensão do letramento científico. Ou seja, não acontece a mediação por parte do professor da escrita do aluno. Apenas é cobrado do aluno que ele saiba escrever estruturadamente, dentro da norma padrão, sem que ninguém o tenha habilitado para isto. Pois bem, na universidade acontece o mesmo, o professor universitário espera do seu aluno, graduando, que este escreva dentro dos padrões acadêmicos aceitáveis sem ter mediado as escritas dos seus alunos. Não que o gênero dissertativo seja de todo desconhecido pelos alunos, mas a forma acadêmica o é. O aluno universitário, na maioria das vezes, está na universidade pela primeira vez e, quando está na segunda ou terceira graduação, traz consigo as mesmas fragilidades do primeiro curso, uma vez que, em momento

algum, o professor universitário se vê na posição de agente de letramento, percebendo-se como um ser hierarquicamente intocável, cujas verdades e posicionamentos são irrefutáveis. Assim como a maneira de ser, estar e agir na universidade, ele é universal, imutável e o aluno deve ser à sua semelhança.

Sabe-se que essas fragilidades não serão resolvidas num curto ou médio espaço de tempo. Contudo, temos a certeza de que o sistema educacional em todos os níveis precisa permitir, cancelar, estimular e mobilizar ações pedagógicas que promovam a interação dos saberes narrativos dos alunos (a experiência da oralidade cultural dos mesmos com o modo científico de expressar-se, ou seja, com mediação das ações pedagógicas, seu modo de ser, agir e pensar possa passar de narrativo para científico, conforme as necessidades circunstanciais). Dessa forma, o indivíduo ascenderá em um aperfeiçoamento do letramento, sendo este compreendido como a habilidade de transitar em diversos espaços sociais. As escritas dos alunos universitários, nos suportes midiáticos, revelam que

Ao esboçar novas maneiras de as construções narrativas plasmarem as realidades que criam, tornou-se-me impossível distinguir com nitidez o que é um modo narrativo do pensamento e o que é um “texto”, ou discurso narrativo. Cada um deles dá a forma ao outro, tal como o pensamento se torna inseparável. (BRUNER, 2001, p. 176)

Concordando com Bruner, ousamos afirmar que o pensamento narrativo e as hipermídias têm impactado a linguagem e o letramento, agora digital, e essas ferramentas promovem uma verdadeira simbiose entre o texto, o discurso narrativo e o autor, que ora é autor, ora é leitor e vice-versa. Tem-se a subversão dos papéis de escritor-leitor-escritor o tempo todo quando o ambiente é virtual. Em contrapartida, quando o ambiente é físico, como no caso da sala de aula, os papéis e locais de cada um, professor e aluno, são bem delimitados. Está explicado porque os jovens preferem ficar na frente de uma tela do que na frente do professor.

### **Design metodológico**

O percurso metodológico deste estudo está baseado em uma revisão bibliográfica sobre o tema em foco. Mantivemos contato direto com tudo o que foi escrito, inclusive pesquisas bem recentes, como é o caso do Professor Luiz Gomes

de Senna, líder do Grupo de Pesquisa Linguagem, Cognição Humana e Processos Educacionais da UERJ.

Este artigo está dividido em duas seções, com temas relacionados ao estudo em foco. (i) A primeira seção contextualiza o letramento moderno, interagindo com as tecnologias *mobiles* e definindo os usuários como sujeitos hipertextuais de escrita e leitura. (ii) A segunda seção analisa as interações linguísticas e o impacto da linguagem através de símbolos.

### **Letramento moderno**

A sociedade, desde o século XX, passa por transformações significativas na concepção de leitura e escrita. Eis que surge o hipertexto para atender a necessidade dos produtores textuais contemporâneos e promover mudanças nas funções e condutas do Letramento, que é....

[...] um fenômeno deste século, associado muito mais às variáveis introduzidas pela sociedade informática nas práticas da escrita do mundo, [...] o construtivismo do século passado trouxe-nos o alerta de que os sujeitos sociais se comportam de forma variável frente a produção da escrita. (SENNA, 2005, p. 62-64)

E é dessa forma que as práticas modernas da aquisição do conhecimento sofrem transformação no conceito de texto, pois, assim como a sociedade não é imutável (ao contrário, está em constante mudança), ocorre o mesmo com a escrita. E fica claro que o letramento faz com que os leitores explorem múltiplos sentidos, saindo de sequencialidade de eras passadas, onde prevalecia o ato de escrever em um papel com caneta. Enquanto a leitura era apenas através de livros, com um texto estruturado com início, meio e fim, sem intervenção do leitor, esse leitor clássico era/é....

Um sujeito passivo, ainda que dele se exija a capacidade de estabelecer relações de causalidade, tanto entre as partes do texto, quanto entre os juízos contidos no texto e outros de juízos de mundo. Sua passividade resume-se no fato de que não pode intervir no próprio texto, devendo submeter-se a sua estrutura, à medida que esta está irrecorrivelmente agregada a uma sequência causal, determinada internamente, desde o início até o fim. Esta situação de subjugo do leitor perante o texto não passou despercebida ao longo da história e, já a longa data, se

desenvolveram alguns recursos para minimizá-la, tais como os índices de matérias, os índices de assuntos ou onomásticos, com os quais se permitem ao leitor romper a sequencialidade do texto, a fim de localizar informações pontuais segundo seus interesses pessoais. (SENNA, 2001, p. 3)

O letramento digital valoriza o contexto narrativo vivido pelos sujeitos. Ou seja, esse processo de letramento envolve a formação de leitores de mundo, capazes de explorar múltiplos significados da realidade imediata, indo do genérico ao abstrato, formulando seus próprios conceitos, sendo autor de sua própria escrita, permitindo-se reescrever quantas vezes julgar necessário, buscando não uma *performance* literária, mas um texto autoral, de fato e de (auto) direito. Essa é mais uma possibilidade da cultura hipermidiática: falar por si mesmo, sem intermediários, mas por entendimento próprio. Construída a partir de outras visões, outras percepções, mas uma nova visão, uma nova percepção e não mais uma da mesma percepção.

Tem-se, portanto, novos discursos advindos da sociedade hipermidiática e que impactam a forma de escrita e de leitura dos jovens, pois as tecnologias móveis, sobretudo os *smartphones*, que ultrapassam o número de habitantes no país, estão presente *fulltime* na vida dos sujeitos da escrita, tornando-os leitores e escritores hipertextuais (dinâmicos), interativos. Assim, redefine-se a sociedade de analógica para digital. Em contrapartida, ainda prevalece o sujeito estático, procriado sob a égide escolar à base de tecnologias estáticas (livros, canetas, cadernos), sem se dar conta de que vive em uma sociedade extremamente dinâmica, que não há como permanecer uno quando o contexto social é múltiplo.

Tal qual a tecnologia hipertextual, que promove múltiplas formas de leituras e escritas tendo como principal característica a não linearidade, o leitor pode ler um texto a partir de qualquer ponto (início, meio ou fim) que será compreendido, oferecendo uma gama de possibilidades de interpretações, revelando a autonomia da ordem de leitura do texto, que deve ser de quem lê. Não há dúvidas que o hipertexto promove impacto na comunicação não apenas no aspecto externo da linguagem. Entretanto, supunha-se que o som pudesse associar-se por si só a qualquer vivência, a qualquer conteúdo da vida psíquica e, em função disso,

transmitir ou comunicar essa vivência ou esse conteúdo a outra pessoa. É o que acontece no hipertexto. A suposição torna-se realidade.

### **Interações linguísticas**

Gardner (1994), falando sobre a linguagem nas inteligências múltiplas, afirma que nas buscas do poeta no fraseado, quer seja de uma linha ou de uma estrofe, vê-se em funcionamento alguns aspectos centrais das inteligências. O poeta deve ser superlativamente sensível às nuances de significados das palavras para, ao invés de cortar conotações, tentar preservar tantos os sentidos buscados quanto os possíveis. Para o teórico das inteligências múltiplas é imprescindível que o poeta tenha o domínio das regras das construções das frases, contribuindo para prevenir erros que segundo os princípios gramaticais comuns não deveriam acontecer, contudo, em nome da licença poética, o poeta subverte as regras da língua.

É incontestável que o poeta reconhece e sabe utilizar a linguagem no momento adequado, porém, sabe-se da facilidade que o mesmo exerce sobre as palavras, incorporando-se um enorme potencial para entusiasmar, convencer o público, transmitir diversas informações, enfim, encantar o ouvinte com suas palavras simples, mas tocantes, no mundo das ideias. A habilidade do poeta é lingüística e para Gardner (1994)

A competência linguística é, de fato, a inteligência a competência intelectual que parece mais ampla e mais democraticamente compartilhada na espécie humana. Enquanto o músico ou o artista visual [...] apresentam habilidades que parece simplesmente ter desenvolvidos um grau superlativamente aguçado de capacidades que todos os indivíduos normais e talvez até mesmo muito subnormais possuem. (GARDNER, 1994, p. 61)

Fica claro que há uma lacuna já que nem todos os sujeitos têm habilidades linguísticas como o poeta. Assim, como faz um indivíduo que não é poeta praticante adquirir habilidades linguísticas? Quais são os mecanismos de uso que a linguagem pode ser colocada? Buscamos em Gardner (1994) a resposta para este questionamento e expomos três aspectos do conhecimento linguístico de notável importância para a sociedade humana. (i) O primeiro aspecto diz respeito à retórica da linguagem, identificando-se no indivíduo a capacidade de usar a linguagem para

convencer outros indivíduos relacionados a um curso em ação. Essa é a capacidade que os políticos e advogados têm de persuadir o outro através das palavras. (ii) O segundo aspecto é o potencial mnemônico da linguagem, que consiste na capacidade de usar esta ferramenta para ajudar a lembrar de informações. (iii) O terceiro aspecto da linguagem é seu papel na explicação, já que grande parte do ensino e da aprendizagem ocorre através da linguagem, principalmente através da transmissão de informações, tornando-se um ritual homogêneo nas salas de aula de todos os níveis escolares. Ou seja, o processo de ensino e de aprendizagem ocorre cada vez mais através da palavra em sua forma escrita, mesmo que nós, brasileiros, sejamos herdeiros e usuários de uma cultura extremamente oral.

É sabido que a ciência, apesar da importância do raciocínio lógico-matemático e dos sistemas de símbolos, tem na linguagem a ferramenta fundamental para transmitir os conceitos básicos em livro texto. No entanto, ressaltamos que outro ponto importante é de fornecer as metáforas que são cruciais para lançar e explicar um novo desenvolvimento científico. Por fim, não há como negar o potencial da linguagem para explicar suas próprias atividades (a metalinguagem). Gardner (1994) assegura que...

[...] para uma inteligência, podemos dizer que a sintaxe e a fonologia encontra-se próximas ao centro da inteligência linguística, enquanto a semântica e a pragmática incluem inputs de outras inteligências, tais como as inteligências lógico-matemático e pessoal. (GARDNER, 1994, p. 63)

Ora, se são as interações linguísticas que podem promover (ou não) mudanças significativas para o ensino e a aprendizagem, não apenas dos conteúdos disciplinares da Língua Portuguesa, mas que promova a apreensão (retenção com significado) dos saberes disciplinares, seja das matérias consideradas humanas ou físicas (como Geografia, História, Artes, Matemática, Física e Química), a linguagem tem o poder de interdisciplinaridade, ou seja, a língua pode tanto facilitar o entendimento desses conteúdos infundáveis quanto promover uma intolerância desses por parte dos alunos, pela forma como eles são transmitidos.

Gardner (1994) identifica algumas dificuldades na linguagem que são relacionadas à aprendizagem, como a articulação inadequada da linguagem

utilizada pelo professor e o nível linguístico dos alunos. Em contrapartida, no seu sentido mais estrito, quando focamos propriedades fonológicas, sintáticas e determinadas propriedades semânticas, a linguagem surge como uma inteligência relativamente autônoma. É por isso que indivíduos de culturas diversas usam a linguagem mesmo que tenham o conhecimento. Isso ocorre porque

[...] O organismo é capaz de aprender a aprender e lidar com entidades simbólicas como palavras, frases e histórias, pois, embora o sistema nervoso nada saiba de cultura, suas várias regiões são constituídas para conhecer muito sobre a linguagem [...] os indivíduos mais diretamente encarregados da manutenção do conhecimento e da tradição cultural podem não saber nada de células cerebrais, ou até mesmo o papel da cognição, mas são bem equipados para conhecer e avaliar as danças, dramas e padrões modelados pelos membros. (GARDNER, 1994, p. 231)

Têm-se, de um lado, os sujeitos sociais que não possuem conhecimento de cultura, mas possuem o domínio da linguagem, e do outro, os indivíduos que são incorporados pelas tradições culturais, isto é, podem não ter conhecimento de células cerebrais e de cognição, mas compreendem as manifestações dos grupos em que estão envolvidos.

A linguagem é imprescindível para a comunicação entre os indivíduos, assim como os símbolos são extremamente importantes para o processo de socialização e aperfeiçoamento do intelecto humano, pois abre caminhos para o desenvolvimento cultural, contribuindo também para a mobilização contínua das inteligências autônomas. Porém, percebe-se pouco interesse das instituições educacionais em potencializar o uso de símbolos, que vão surgindo com a mudança que a língua sofre o tempo inteiro, já que ela está em movimento, está viva, é dinâmica, assim como os comportamentos linguísticos, uma vez que...

Se um comportamento particular é considerado importante por uma cultura, se consideráveis recursos são dedicados a ele, se o próprio indivíduo está motivado a operar nesta área, e se os meios próprios para a cristalização e aprendizagem são colocados a disposição quase todo o indivíduo normal pode atingir competência impressionante em um domínio intelectual ou simbólico. (GADNER, 1994, p. 242-243)

Para potencializar a habilidade linguística dos sujeitos contemporâneos que já nascem em um ambiente super estimulante para as interações sociais (como é o

ambiente digital), que se compreende não apenas como o ciberespaço, mas um modo digital de ser, agir e pensar, diferente do modo analógico, voltado para seguir etapas num processo, enquanto o modo digital permite ao sujeito fazer, pensar e agir multireferencialmente. De nada adianta ter um indivíduo extremamente talentoso em um ambiente pouco estimulador, ele terá inibido o seu talento em muitas dimensões.

Recorremos a Vygotsky (2000) para salientar que, tal qual este autor afirma, o pensamento e a linguagem não são grandezas imutáveis, ao longo de todo o desenvolvimento humano, são grandezas variáveis. A relação se modifica com o processo, são dois círculos que se cruzam. Em parte desse processo, os dois fenômenos coincidem, formando o campo de pensamento verbalizado. Em contrapartida, este pensamento não esgota todas as formas de pensamento nem de linguagem. Há uma vasta área do pensamento que não mantém relação com o pensamento verbal e nem por isso deixa de haver linguagem, ela apenas é silenciosa. Muito embora, em tempos de espaços hipermidiáticos, nenhuma linguagem é silenciosa, já que o trombone agora também é digital.

### **Considerações nada finais**

Este estudo expôs o contexto digital contemporâneo e os comportamentos linguísticos dos jovens que estão neste ambiente superestimulante, embora as instituições escolares e, em especial, o *lócus* da nossa atuação não reconheçam esses comportamentos como legítimos e próprios da cultura hipermidiática, atualizada o tempo todo, exatamente como a linguagem, ferramenta principal do processo comunicativo, mola de toda a sociedade digital, na qual estamos. Não há como dissociar o *modus operandi* dos jovens contemporâneos da linguagem oral e escrita. As duas se fundem, no *continuum* que é a linguagem. Assim como não há como separarmos o *smartphone* do sujeito digital. Esse elemento protético é indispensável nos dias atuais, afinal nele está não somente a nossa agenda (digital), mas também nossa história, nossa vida, tal qual ocorria nos antigos álbuns de família.

Não há como negar que a sociedade digital criou uma nova forma de escrita, pois os sujeitos são hipertextuais, escrevem e leem não apenas em suportes

móveis, como os *smartphones*, mas continuam a ler os livros. Um exemplo são os sucessos do escritor John Green, com os seus livros “A culpa é das estrelas”. As experiências de leitura nessas tecnologias estáticas vão até as tecnologias móveis, onde esses jovens fazem uma releitura das obras, desta vez assistindo aos filmes inspirados nos livros, o que leva a um novo debate virtual, mas não menos intenso que aquele ocorrido face a face.

Acontece, de fato, que o letramento digital possibilita ao leitor explorar múltiplos significados da realidade, permitindo formular seus próprios conceitos. Dessa forma, a linguagem é definida como uma classe de experiência dentro de uma cultura, que através dos símbolos pode analisar e interpretar o que está exposto no contexto social, atualmente digital. Se ainda tivermos alguma dúvida, paremos alguns segundos e tentemos lembrar e contar quantas vezes olhamos o nosso *smartphone*, respondemos e enviamos mensagens e fotos através dele, enquanto líamos este texto.

## Referências

BARBOSA, M. A. G. **Formação Pedagógica pra quê, se já sou doutor**. In: Pesquisa e Educação: História, Formação e Gestão Educacional. UFPI. 2016. ISBN: 978-85-7463-967-3. p. 281-296.

BARRETO, R. G. e LEHER, E. M. T. **Entre livros e smartphones**: Os modos de leitura e escrita dos universitários. Disponível em <[http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO\\_EV045\\_MD1\\_SA2\\_ID1324\\_22072015212253.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SA2_ID1324_22072015212253.pdf)>. Acesso em 16.mai.2016.

BARRETO, R. G. e LEHER, E. M. T. **Imagens das tecnologias**: a questão do sentido hegemônico. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N.; BARRETO, R. G. (Orgs.) Pesquisa em educação: métodos, temas e linguagens. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

\_\_\_\_\_. **O que dizem os universitários sobre a atuação de seus professores?** Disponível em <[http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO\\_EV045\\_MD1\\_SA2\\_ID1324\\_22072015212253.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SA2_ID1324_22072015212253.pdf)>. Acesso em 16.mai.2016.

BRUNER, J. **Cultura da educação**. Lisboa: Casagraf Artes Gráficas, 2001.

GARDNER, H. A. **Inteligência Linguística**. In: GARDNER, H. A. Estruturas da Mente: A teoria das Inteligências Múltiplas. Porto Alegre: Artemed, 1994. cap.5, p.57-77.

LAKATOS E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LEVY. P. **Tecnologias da inteligência**. Disponível em <<http://pt.slideshare.net/fabiopedrazzi/levy-pierre-1998-tecnologias-da-inteligencia%20>>. Acesso em 08.fev, 2016.

SENNA, L. A. G. **Anais do I Seminário Internacional de Educação** (Cianorte – Paraná. Brasil. Setembro/2001. Paraná.

\_\_\_\_\_. **O planejamento no ensino básico e o compromisso social da educação com o letramento**. In: Educação & Linguagem, Rev. 7. 2003 ISSN: 1415-9902. p.200-216.

VIGOTSKI. L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo. Martins Fontes, 2000.

Recebido em 28 de fevereiro de 2016  
Aceito em 01 de maio de 2016